

Governo do Estado de São Paulo,
por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa,
e Santa Marcelina Cultura apresentam

**ATELIER DE
COMPOSIÇÃO LÍRICA
DO THEATRO SÃO PEDRO**

O PRESIDENTO

GABRIEL XAVIER E LARA DUARTE

ENTRE(CACOS)

(PODE SER VIOLENTO O ESPETÁCULO DE AMAR UM CÃO)

MARINA FIGUEIRA E ISABELA ROSSI

A FOME DOS CÃES

WILLIAN LENTZ E CARINA MURIAS



ORQUESTRA DO THEATRO SÃO PEDRO

**PAULO
ZUBEN**

DIREÇÃO ARTÍSTICA

**RICARDO
APPEZZATO**

GESTÃO ARTÍSTICA

**FLO
MENEZES**

ORIENTAÇÃO EM COMPOSIÇÃO

**JOÃO LUIZ
SAMPAIO**

ORIENTAÇÃO EM CRIAÇÃO DE TEXTO E LIBRETO

**ALEXANDRE
DAL FARRA**

DIREÇÃO CÊNICA E ORIENTAÇÃO EM
CRIAÇÃO DE TEXTO E LIBRETO

**LEONARDO
LABRADA**

DIREÇÃO MUSICAL

**FERNANDO
PASSETTI**

CENOGRAFIA

**AWA
GUIMARÃES**

FIGURINO

**NICOLAS
CARATORI**

ILUMINAÇÃO

**TIÇA
CAMARGO**

VISAGISMO



ENSAIO ABERTO

**19 DE OUTUBRO,
QUARTA ÀS 19H**

RÉCITAS

**20 A 23 DE OUTUBRO,
QUINTA, SEXTA E SÁBADO
ÀS 20H, DOMINGO ÀS 17H**

THEATRO SÃO PEDRO 2022

A Santa Marcelina Cultura dá continuidade à programação artística do Theatro São Pedro em 2022, seguindo em outubro com a estreia de três títulos de óperas, resultado do primeiro Atelier de Composição Lírica do Theatro São Pedro. Os espetáculos foram criados entre duplas de jovens compositores e libretistas: O Presidente, por Gabriele Xavier e Lara Duarte, EnTre (CAcOS), Marina Figueira e Isabela Rossi e A Fome dos Cães, por Willian Lentz e Carina Murias.

O Atelier foi criado para contribuir diretamente com a criação do gênero operístico no país, além de mostrar que um espetáculo é algo vivo, nascido e produzido a partir da contribuição e colaboração não apenas entre libretistas e compositores, mas também a partir da participação dos cantores que sobem ao palco, dos musicistas e de toda a equipe que contribui para que a montagem chegue ao público.

A produção de títulos contemporâneos também promete dialogar de forma ainda mais direta com o público, mostrando o dinamismo de fazer artístico. Os três títulos são executados pela Orquestra do Theatro São Pedro, que tem mostrado excelência em composições de diferentes tempos e gêneros.

Para dar vida às três montagens, o elenco escolhido foi de um experiente time de cantores: Laiana Oliveira (soprano), Manuela Freua (mezzo-soprano) e Marcelo Ferreira (barítono). Além deles, sobem ao palco uma atriz e um ator, Edlene Sousa e Flow Kountouriotis, dando ainda mais dinamismo às histórias cantadas e contadas.



SANTA MARCELINA CULTURA e THEATRO SÃO PEDRO

Eleita a melhor ONG de Cultura de 2019, além de ter entrado na lista das 100 Melhores ONGs em 2019 e em 2020, a Santa Marcelina Cultura é uma associação sem fins lucrativos, qualificada como Organização Social de Cultura pelo Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa. Fundada em 2008, a Santa Marcelina Cultura atua com a missão de formar pessoas por meio dos programas: Hospitais Musicais, Conexões Interculturais, EMESP Tom Jobim, Theatro São Pedro, Guri Capital e Grande São Paulo e do Projeto Guri no Interior, Litoral e Fundação Casa.

A programação do Theatro São Pedro segue as diretrizes estabelecidas em 2017, quando a casa passou a ser gerida pela Santa Marcelina Cultura. Trabalhando em parceria com a Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado, a organização social tem direção artístico-pedagógica de Paulo Zuben, e gestão artística de Ricardo Appezzato, elaborada de forma colaborativa, a programação do teatro conta com a participação dos músicos da Orquestra do Theatro São Pedro nas escolhas artísticas, e no convite a regentes e solistas convidados.

Valorizando a diversidade e o diálogo, a temporada trabalha com temas e motivos que se entrelaçam, abordando diferentes períodos históricos e vertentes estilísticas, fortalecendo a identidade artística do Theatro São Pedro e de sua orquestra. Além da temporada profissional, o Theatro São Pedro investe também na formação de jovens profissionais da ópera e promove performance dos grupos de estudantes ligados ao teatro, a Academia de Ópera e a Orquestra Jovem do Theatro São Pedro.



SOBRE AS ÓPERAS DO ATELIER DE Por JOÃO LUIZ SAMPAIO COMPOSIÇÃO LÍRICA CRIAÇÃO E COLABORAÇÃO

Uma proposição central do Atelier de Composição Lírica do Theatro São Pedro é a crença na criação de uma nova ópera como um processo coletivo de trabalho. Isso não diz respeito apenas à colaboração entre compositor e libretista, mas também ao diálogo entre criadores e intérpretes. A multiplicidade de olhares, afinal, não apaga a inspiração de quem cria, mas coloca sua sensibilidade em contato com uma gama diversa de ideias e visões de mundo, ainda mais fundamental em um projeto de caráter pedagógico. E não é só isso. O que seria uma ópera nos dias de hoje? Não é possível responder de forma única à pergunta. São muitos os caminhos possíveis e percorrê-los em conjunto só potencializa a capacidade de invenção e exploração de novas estéticas.

A partir dessas noções foi estabelecida a rotina de trabalho do atelier. Tudo começou com a seleção de três compositores e libretistas, por meio de um edital que incluía a exigência de que pelo menos uma mulher fosse selecionada em cada grupo. Os seis participantes escolhidos passaram por aulas teóricas sobre história da ópera, ópera na contemporaneidade e dramaturgia aplicada à ópera. A essa base foram acrescidos encontros com cantores líricos, musicólogos, diretores de cena, maestros e músicos da Orquestra do Theatro

São Pedro: todos eles puderam falar sobre as especificidades de suas atuações e as visões de espetáculo que elas acarretam.

Ao longo desse processo, compositores e libretistas foram separados em duplas e começaram a desenvolver seus projetos. Os textos, naturalmente, vieram antes. E a partir das primeiras versões dos libretos teve início o trabalho de composição, que exigiria diálogo, concessões, reflexões conjuntas – e cortes, inserções, sessões de reescrita e a busca por ideias musicais que pudessem dar voz às histórias narradas.

Compositores e libretistas não estiveram sozinhos durante o trabalho. Além do acompanhamento dos professores, eles tiveram encontros periódicos com os artistas que participariam da encenação e interpretação das óperas. Deles, ouviram sugestões que incluíram olhares não apenas sobre as histórias narradas, mas também considerações sobre questões práticas de escrita e interpretação.

Os seis participantes do atelier tiveram completa liberdade para escolher os temas e as histórias com as quais queriam trabalhar. E não deixa de ser interessante que todos tenham sentido a urgência de abordar questões de nosso tempo.

O PRESIDENTO

A primeira ópera a subir ao palco é O Presidente, do compositor Gabriel Xavier e da libretista Lara Duarte. Nela, um presidente eleito pela defesa do movimento LGBTQIA+ vai aos poucos se afastando de suas ideias, enquanto um pai e uma filha, em conversas em um café, tentam um diálogo entre diferentes visões de mundo.

“O que me guiou na criação do libreto foi o desejo de experimentar a linguagem operística, até então muito apartada da minha experiência com dramaturgia”, conta Lara. “Eu quis experimentar essa estrutura, a ideia da palavra cantada, a possibilidade de ter diferentes personagens cantando ao mesmo tempo e de poder alternar árias com outros momentos nos quais o fluxo da narrativa é diferente. O tema da história, que vem da minha experiência, já traria algo novo para esse universo, então não senti a necessidade de uma linguagem mais fragmentada. Trabalhar minhas ideias nas formas da ópera, ao contrário, me permitiu estabelecer uma fricção com o gênero.”

O enredo em si nasceu do interesse, em ano de eleições, em pensar “nessa figura pública contraditória e nos discursos que fazem parte da minha bandeira” “Ao mesmo tempo, procurei mostrar a dificuldade infinita que é dialogar e a própria contradição dos movimentos identitários. E fiquei muito feliz em poder tratar do tema LGBTQIA+, mesmo que por meio de um presidente que vai se revelar um liberalóide fascista. Meu tema, assim, é a dificuldade do momento vivido pelo país e a imposição de movimentos afirmativos, ainda que eles sejam extremamente importantes.”

Gabriel Xavier conta que seu desafio foi trabalhar musicalmente esse universo de contradições sociais e políticas. Criou, então, uma passacaglia barroca que se fundamenta em uma sequência repetitiva. “Ela permanece no pano de fundo, mas sua estrutura vai sendo nublada por interrupções”, ele explica. Ao mesmo tempo, criou uma marcha que acompanha os discursos do presidente – e da relação entre essas duas propostas musicais oriento a criação da partitura.

EnTre(CacOS)

Em seguida, será apresentada EnTre(CacOS), de Marina Figueira e Isabela Rossi, obra que também aborda nosso tempo, mas o faz por meio de um olhar sobre o mundo do trabalho. A ópera narra a história de uma velha que, apesar da idade, segue trabalhando como entregadora, acompanhada de um cão.

Isabela conta que buscou criar “algo que fosse um sintoma do nosso tempo a partir de figuras que beirassem o fantástico ou escapassem de uma referência imediata da realidade”. Nesse sentido, o libreto surgiu a partir de referências múltiplas, que vão do filósofo grego Diógenes, o Cínico, à fábula, incluindo um trabalho de campo.

A libretista passou algumas noites nas ruas, observando cães e o cenário nos quais se reuniam: saídas de galpões de mercadorias, postos de gasolina, margens de rodovias. “Sempre aparecia o recorte de uma cidade esvaziada, meio fantasmagórica, onde só se vê um ou dois passantes noturnos, indo ou voltando do trabalho. E a pergunta para mim foi: o que vejo de mais cínico no momento em nosso tempo?”

A resposta, a partir desse cenário, foi a dimensão do trabalho. Do trabalho que toma a vida querendo igualar-se a ela. Da precarização tão intensa e imensa em que o próprio sonho – o sonho de um tempo de contra-trabalho – vira também espaço de trabalho. Então, o libreto foi uma tentativa de tensionar essas imagens, vozes, a partir da vidinha de uma mulher já velha, “uma velha muito velha”, que ainda tem que trabalhar. E sem casa, sem vínculos a não ser com um cachorro que a acompanha”, afirma a libretista.

A partir dessa história, Marina Figueira conta que estruturou musicalmente a ópera em dois atos intercalados. “Um ato é linear, caracterizado predominantemente por um motivo nas cordas e suas variações e transformações. Este motivo está relacionado retoricamente à constante corrida contra o tempo para atingir um objetivo surreal imposto à personagem principal. O outro ato representa os cacos de memórias, lembranças misturadas a delírios, cada um com uma estética própria, a fim de separar temporalmente os momentos e sentimentos da personagem. Assim, a ópera transita entre o atonal e o tonal, passando por estéticas diferentes, que vão de uma sonoridade jazzística à serialista”, explica a compositora.

A FOME DOS CÃES

A Fome dos Cães, do compositor William Lentz e da libretista Carina Murias, encerra o espetáculo. Carina conta sobre a gênese do texto:

“A ideia para criação do libreto veio das notícias da volta do Brasil ao mapa da fome. Ainda em 2021, durante a crise da pandemia do coronavírus, muito foi dito sobre as filas para compra de ossos em açougues ou sobre crianças que estavam retornando precocemente para as escolas por não terem possibilidades de se alimentar em casa”, ela explica.

“A partir desta realidade, que me parecia mórbida e grotesca, comecei a escrita do libreto e fui encontrando as personagens que contariam a história, ainda que cada uma em seu plano: o menino que rouba ossos de um açougueiro, a professora que ensina ao menino lições sobre o que é a fome e o juiz que conduz o julgamento do menino acusado de matar o açougueiro e assumir seu posto de trabalho.”

“A música de A Fome dos Cães caracteriza-se pela simultaneidade de eventos, cuja densidade varia entre as cenas”, explica William Lentz. “De forma geral, a partitura apresenta o caráter grave relacionado ao tema da ópera e, à medida em que a obra avança, diferentes estados de ânimo transformam a dinâmica do conjunto de acordo com a direcionalidade do movimento musical e dos eixos que definem a forma da obra.”



**ATELIER DE
COMPOSIÇÃO LÍRICA
DO THEATRO SÃO PEDRO**

ELENCO

MANUELA FREUA

SOPRANO

LAIANA OLIVEIRA

SOPRANO

MARCELO FERREIRA

BARÍTONO

EDLENE SOUSA

ATRIZ

FLOW KOUNTOURIOTIS

ATOR

O PRESIDENTO

ÓPERA COM MÚSICA DE **GABRIEL XAVIER**
E LIBRETO DE **LARA DUARTE**

ENTRE(CACOS)

(PODE SER VIOLENTO O ESPETÁCULO DE AMAR UM CÃO)

ÓPERA EM DOIS ATOS INTERCALADOS
COM MÚSICA DE **MARINA FIGUEIRA**
E LIBRETO DE **ISABELA ROSSI**

A FOME DOS CÃES

ÓPERA DE CÂMARA EM UM ATO
COM LIBRETO DE **CARINA MURIAS**
E MÚSICA DE **WILLIAN LENTZ**

LIBRETOS

O PRESIDENTO

ÓPERA COM MÚSICA DE **GABRIEL XAVIER**
E LIBRETO DE **LARA DUARTE**

PRESIDENTO PRESIDENTA PRESIDENTE

CENA 1 DISCURSO DE POSSE

*Em cena uma figura andrógina.
A figura gesticula no palanque sem que se escute o som de sua voz. Crescente no discurso, trejeitos, assertividade. A figura gesticula com as mãos vigorosamente.
Três bandeiras estão sendo hasteada, não se vê por quem.
Cerimônia.*

Trazida por um carro alegórico tem-se a banda marcial em camuflado rosa. 1 soldado reboativo, 2 soldados reboativos, sequência de Vogue.

BANDA-ARCO-IRIS: Quero uma presidenta sapatão.
Quero uma presidenta soropositiva.
E quero uma bicha na vice-presidência.
Quero uma caminhoneira como ministra da defesa,
Uma boneca no ministério da educação,
E uma travesti gerindo com diplomacia as relações exteriores.
Quero! Quero! O futuro já chegou e o futuro é multicolor

Quero uma presidenta sapatão
Quero um viadinho ministro da cultura
Uma gay bombada pro turismo

Uma afeminada pro meio-ambiente
E um boyceta pras comunicações.
Quero! Quero! O futuro já chegou e o futuro é multicolor.

Quero uma presidenta sapatão
Quero uma bi-festiva na secretária geral
Um não-binarie presidente da casa civil
Uma barbiezinha pra cidadania
E uma mariconna pro ministério da Mulher, da Família, e dos
Direitos Humanos.
Quero! Quero! O futuro já chegou e o futuro é multicolor.

PRESIDENTE: *(Narrando)* O Brasil começa agora. O futuro começa agora. Permitam que, antes de Presidente, fale aqui como pessoa LGBTQIA+ que fez da esperança uma obsessão, como tantos brasileiros. Hoje é a primeira vez que a faixa presidencial cingirá em um ombro Queer. Hoje é a primeira vez que um corpo como o meu ocupa um espaço como este.
Crescente banda.

CENA 2 CAFÉ 1 (CENA CANTADA)

Em um café com arquitetura industrial, paredes cinzas, samambaias e livros expostos em prateleiras de madeira, vê-se uma mulher de cabelos curtos, e roupas largas. Ela toma goles da xícara enquanto observa o celular. Um homem entra apressadamente no local, eles se cumprimentam sem muito entusiasmo.

MULHER: Demorou, pai.

HOMEM: Tava difícil estacionar... Não queria pagar aqueles estacionamentos de 20 reais, fiquei dando volta no quartei..

MULHER: Cê veio de carro? Pelo amor

HOMEM: O clima tá estranho na rua

MULHER: Estranho como?

HOMEM: Estranho.

MULHER: Cê vai pedir alguma coisa? Eu tava morrendo de fome

e já pedi o meu...

HOMEM: Estranho tipo assustador. Eu senti um certo...
constrangimento

MULHER: A empanada daqui é ótima

HOMEM: Constrangimento não. Foi medo. Tá aí. Eu senti medo de vir a pé, sozinho, usando o meu sapatênis. Tenho amigos inclusive que quando saem do escritório tão deixando a gravata no carro

MULHER: Você tá delirando... Pede alguma coisa pra comer... Hoje eu tô só no limão e no café preto... Preciso por alguma coisa na barriga.

HOMEM: Detox?

MULHER: *(sorrindo)* É... Andei bebendo muito

HOMEM: Também
Chega a comida da Mulher.

MULHER: *(mastigando)* Pede a vegana pra você também

HOMEM: É o que tem deixando tranquilo. Uma taça de vinho, um relaxante muscular qualquer, mais uma tacinha de vinho... Só assim.

MULHER: Insônia?

HOMEM: MEDO! Porra, eu tô com medo

MULHER: *(olhando ao redor)* Não grita.

HOMEM: Desculpa.

MULHER: *(mastigando)* Pelo amor....

HOMEM: Já pedi desculpa.

MULHER: Não entendo essa histeria... Porque você não pode celebrar comigo?

HOMEM: Você não fica... preocupada comigo? Sei lá... Com a

minha segurança...

MULHER: (mastigando com muito ruído de saliva) Não. Cê não vai comer nada?

HOMEM: Não consigo.

MULHER: (mastigando) Tá muito gostoso

HOMEM: E precisava se envolver na campanha? você e sua amiga ainda se envolveram na campanha...

MULHER: Ela não é minha amiga

HOMEM: O ponto é que mal esse presidente assum..

MULHER: É presidente.

HOMEM: ... Mal assumiu e o clima na rua já tá todo estranho. Um amigo meu ouviu que ia começar a “caça aos heteros”, outro tava saindo da firma e tacaram purpurina nele... Purpurina, minha filha!

MULHER: E ele sobreviveu?

HOMEM: Parece que já passaram semanas e ele ainda encontra a maldita pelo corpo.

MULHER: Não vai acontecer nada com você, pai. Se acalma. Come alguma coisa.

HOMEM: Não me manda ficar calmo. Será que servem café com whisky aqui?

CENA 3 PRONUNCIAMENTO PRESIDENCIAL

A figura andrógina está falando para uma câmera numa bancada. Honrarias, retratos e bandeiras ao fundo. Na parte de cima usa um terninho, na parte de baixo salto alto e cinta-liga.

BANDA-ARCO-IRIS: Love...Love...Love....

PRESIDENTE: (Narrando): Foi-se o real! Já não mais nos interessa enquanto povo. Por isso venho aqui apresentar a população

brasileira a nossa *Rainbow* Mission. Vamos juntas reestruturar o país. Já passamos por tanto: Réis, Mil Réis, Cruzeiros, Cruzados, etc,etc,... Sem nunca encontrar de fato um capital que nos... representasse.

BANDA-ARCO-IRIS: Love...Love...Love....

PRESIDENTE: (*Narrando*): Este tem sido um mandato de muitos desafios, mas ao longo desses anos as mudanças no país são inegáveis. Estamos realizando uma gestão multicolorida, que acredita no amor. O amor acima de todas coisas. Amor em cima de todas as coisas. Amor que se paga com mais amor. Amor pela pátria, amor por toda forma de amor. Não mais numa esquina, esqueçam as sungas brancas, os piercings no mamilo, o vinho em garrafa de plástico. Fomos do trio elétrico as igrejas. Estamos entrando pela porta da frente. Sentando nas primeiras fileiras. Assinando os contratos com canetas de prata. Quem ama assina os contratos. Aluga, financia, consigna. Quem ama não economiza na expressão do amor. Por isso amem cada cifrão. Chegou a hora de mostrar a investidores de todo o mundo que a bandeira do Brasil é colorida e a gente pode sim proporcionar bons negócios, abrigar grandes empresas, disputar, competir, especular... Chegar primeiro! É disso que se trata. Haverá indiscutivelmente um sacrifício a ser feito por nós, mas eu garanto que cada etapa desse novo plano econômico vai valer a pena. Primeiro passaremos por um pequeno, quase imperceptível ajuste fiscal e também uma necessária redução de despesas.

BANDA-ARCO-IRIS: Love...Love...Love....

PRESIDENTE: (*Narrando*): Depois cada pessoa LGBTQIA+ terá o seu poder de compra garantido. E como medida de reparação histórica implementaremos um confisco simbólico das poupanças patriarcais. Por fim, o nosso novo padrão monetário será a luxuosa moeda *Pinkcoin*. Nós podemos sim. SIM. Eu quero um sim pra cada não que já recebi. Isso é geração de emprego, é consumo consciente, é mais que consumo... É um equilíbrio anarco-eco-queer. É a estamparia colorida. Você, cidadão comum, defenda uma causa: consuma arco-íris e brilhe o dia todo.

BANDA-ARCO-IRIS: Love. Liebe. Amor. Amour. Amore. Love. Liebe. Amor. Amour. Amore. Love. Liebe. Amor. Amour. Amore.

CENA 4

CAFÉ 2 (CENA CANTADA)

No mesmo café com arquitetura industrial, paredes cinzas, samambaias e livros expostos em prateleiras de madeira. A samambaia é substituída por uma cartolina verde, menos livros nas prateleiras. A MULHER está comendo um sanduiche muito grande, seu cabelo está mais comprido. O HOMEM está olhando o cardápio, tem um tiro de purpurina no rosto. A MULHER já está na metade do sanduiche.

HOMEM: Nossa... Caríssimo.

MULHER: Pode escolher... A empanada daqui é ótima.

HOMEM: Imagina, filha...

MULHER: Escolhe logo! Eu pago pra você. Não tem problema.

HOMEM: Eu ainda sou seu

MULHER: Ai não... Supera isso, pelo amor. Já falei que eu pago essa merda.

Escolhe alguma coisa pra comer e come. É simples.

HOMEM: Não é questão de superar. Eu só acho meio estranho

MULHER: Estranho como?

HOMEM: As coisas ficaram insustentáveis lá em casa

MULHER: Com a mamãe?

HOMEM: Não. Com o Totó. Ele já não obedece os meus comandos. Eu falo "SENTA" ele dispara correndo, eu digo "DEITA" ele se mantém de pé. Eu disse "Totó, da patinha" e ele mordeu minha mão. Mas não foi uma mordida amigável. Mordeu mesmo. Cravou os caninos com força. Sangrei. Não tomei ponto por pouco. Dia desses de madrugada, levantei pra beber água e escorreguei no chão molhado... Eu juro que ele virou o potinho de água só pra me ver cair. Ele tá me perseguindo.

MULHER: Pai, é só um cachorro

HOMEM: Não, não, não. Os animais são muito sensíveis...
Percebem tudo o que está acontecendo. Totó deu pra fazer de
banheiro o meu lado da cama. Mas só o MEU lado.

MULHER: Você tá paranoico

HOMEM: Você não fica preocupada comigo? Com a minha
segurança?

MULHER: Não. Porque você não pede algo pra comer?

HOMEM: *(gritando)* Não tenho como pagar.

MULHER: Não grita. Se acalma. Eu que te convidei...
Faço questão.

HOMEM: Não me manda ficar calmo. Tá. Venceu.
Eu quero um café com conhaque.

MULHER: Venci? Venci o que? Eu não sei porque eu insisto em
você. Em encontrar com você. Insisto nesse delírio. Tô até o talo
de hormônio. Todo mês uma frustração, detesto agulha, detesto
clínica, detesto a empanada daqui... E a gente ainda quer fazer
com os óvulos trocados. Talvez fosse um livramento não seguir
propagando seu DNA. Mas eu insisto. Acho que prefiro com
whisky mesmo.

CENA 5 REELEIÇÃO

*Estúdio de gravação. Banda marcial em camuflado rosa ao fundo,
numa coreografia soft. Tudo tem um tom exagerado como nas
propagandas em geral. O Presidente está coberto de lantejoulas. A
banda cantarola o jingle presidencial durante todo o discurso.*

BANDA-ARCO-IRIS: Quero uma presidenta com cifrão.
Quero uma presidenta com saldo positivo.
E quero uma bicha rica na vice-presidência.
Quero uma sugar mommy como ministra da defesa,
Uma boneca de diamantes no ministério da educação,
E uma travesti gerindo com luxo as relações exteriores.
Quero! Quero! O futuro já chegou e o futuro é multicolor

PRESIDENTE: *(Narrando)* Serei breve em meu discurso pois os sentidos tradicionais já foram superados. Já não existem mais alfas na nossa matilha nem cabeceira nas nossas mesas. O amor venceu. O amor sempre vencerá. Todas as palavras estão renovadas. O medo agora é deles e o poder é nosso. O beco agora é deles e o palanque é nosso. Eu falo, eles escutam. Primeiro, extinguímos os milionários. Todos os homens. Depois, todos os engravatados das avenidas. Poupamos as mulheres de bico fino. Extinguímos os herdeiros, exceto uma bicha ou outra que soubesse se posicionar. Já não tolero o acúmulo financeiro desenfreado do seu Zé da padaria, nem do seu João do açougue. Todo poder as startups arco-íris que fazem desse país um lugar mais justo.

Eu não sou apenas o primeiro presidente brasileiro. Sou o primeiro a amar esse país. Amar o país é amar o capital estrangeiro, as empresas privadas, os bons negócios. Todos nós sabemos que não existe sociedade. O que existe são indivíduos e famílias. E amor. Agora as famílias são construídas por amor, não mais por necessidade. Nesse primeiro mandato apostamos na consolidação das famílias não normativas através do fundo de fertilização nacional. Também permitimos que desde o primeiro encontro casais LGBTQIA+ já possam investir conjuntamente na Pinkcoin. Através do incentivo das empresas conscientes, melhoramos as escolas, os hospitais, os espaços de lazer. Agora todos podem pagar pelo que querem. Estamos cada vez mais brilhantes. E eu preciso do seu voto para dar continuidade a essa gestão pautada no amor. Preciso do seu voto para que o amor siga forte e reluzente como um touro dourado.

Crescente banda. Presidente numa coreografia de Tik-tok

CENA 6 CAFÉ 3 (CENA CANTADA)

No mesmo café com arquitetura industrial, paredes cinzas, samambaias e livros expostos em prateleiras de madeira. Todo o cenário é substituído por cartolinas nas respectivas cores. A MULHER está grávida e está comendo um sanduiche humanamente impossível de ser comido, gigante. O HOMEM e bebe whisky direto da garrafa.

MULHER: Come!

HOMEM: Não

MULHER: Empanada ótima

HOMEM: (gritando) Medo porra! Medo!

MULHER: Não grita!

HOMEM: Eu tô praticamente morto

MULHER: Que drama. Eu pago.

HOMEM: Eu sou seu pai!

MULHER: Melhor você comer

HOMEM: Não consigo.

MULHER: (gritando) Come

HOMEM: Medo

MULHER:(mastigando) Você vai ter
que engolir

HOMEM: A situação ficou insustentável

MULHER: Totó?

HOMEM: Totó. Mamãe. Com tudo.

MULHER: Por que você não come?

HOMEM: Preciso da mesada adiantada

MULHER: Já?

HOMEM: Ainda não fiz mercado

MULHER: Quanto você quer?

HOMEM: Eu... Você pode depositar?

MULHER: Pode falar. Eu pago.

HOMEM: Posso ver o cardápio?

MULHER: Por que você insiste?

HOMEM: No que?

MULHER: Nessa roupa

HOMEM: O que que tem?

MULHER: É muito... específica.
Chama muita atenção

HOMEM: É só uma camisa polo.

MULHER: E o sapatênis!

HOMEM: E o sapatênis.

BANDA: Ridículo

MULHER: Come alguma coisa

HOMEM: Quero um shot

MULHER: Come. Come.

HOMEM: Uma caipirinha?

MULHER: Come essa porra

HOMEM: Não quero

MULHER: COME LOGO

HOMEM: ...
*(sufocando o homem
com um pedaço do sanduiche)*

MULHER: É bom né?

HOMEM: *(com o nariz sangrando) É*
A MULHER segue comendo o sanduiche. O HOMEM se encolhe
na cadeira

HOMEM: Eu vou reagir

MULHER: Ridículo

HOMEM: Você não pode fazer isso

MULHER: Ridículo

HOMEM: Vou integrar a luta armada

MULHER: Ridículo **BANDA:** Ridículo

HOMEM: Desculpa.

MULHER: Tudo bem.

HOMEM: Será que a sua amiga

MULHER:*(espetando ele com um garfo)* Não.
pode fazer o depósito?

BANDA: Não é amiga!

Reação de dor do HOMEM. Ele se acalma e retira o garfo. Muito sangue.

MULHER: Já falei que ela não é minha amiga.

HOMEM: Desculpa.

MULHER: Tudo bem.

HOMEM: Te amo, filha.

MULHER: Te amo, pai.

BANDA: Viva o amor!



EnTre(CAcOS)

(PODE SER VIOLENTO O ESPETÁCULO DE AMAR UM CÃO)

ÓPERA EM DOIS ATOS INTERCALADOS
COM MÚSICA DE **MARINA FIGUEIRA**
E LIBRETO DE **ISABELA ROSSI**

"ENTREATOS
EnTreCAcOS
EnTreCAOS
CÃO

E T C . . ."
Marina Figueira

São Paulo
2022

SOBRE O LIBRETO EM PROCESSO - TEMA, DESENVOLVIMENTO, LINHA GERAL

Em [], a figura de Diógenes de Sinope, filósofo criador da corrente de pensamento Cínica e "*amigo dos cães*", é traduzida na personagem Velha Diógenes, uma entregadora terceirizada que realiza pequenos fretes para sobreviver e vive, assim, dentro do próprio carro. Numa noite, a Velha Diógenes dorme e sonha com uma entrega inusitada, uma bomba. O libreto se movimenta, dessa forma, a partir da matéria do seu sonho, que opera em dois planos: um no qual a Velha narra episódios da sua vida e outro no qual dirige sem destino para realizar mais essa entrega, junto de Orfeu, um cachorro vindo inferno, um cachorro que canta. Os dois planos se compõem e contrapõem à medida que a trabalhadora acelera para dar conta "de mais essa" dentro do sonho, dentro do seu tempo de **contra-trabalho**. A linguagem se opera, assim, em dois planos que se compõe e contrapõe à medida que essa aceleração se intensifica a tal ponto em que a relação entre a Velha Diógenes e seu amigo Orfeu se inverte. É o cachorro que ataca a velha. A linha central do libreto é a entrega que a Velha deve fazer e como esse tempo acelerado atravessa a dimensão onírica, de tal modo que o desfecho desse trânsito - que se confunde entre uma bomba que parece prestes a estourar, o carro acelerando prestes a explodir e o coração da velha pressionado pelo tempo da entrega - resulta na morte da personagem dentro do próprio sonho, "o coração parou!", é o o seu coração que explode, como num infarto. O tema do cinismo, assim, retomado a partir da materialidade do recorte de uma vida precária, não é operado numa dimensão "otimista",

mas num campo em que a sua forma, quando levada à limites da vida sensível (daí o Sonhar), reforça lógicas de exploração e morte. Essa “opereta de passagem” conclui seu movimento, assim, com o “diagnóstico/sugestão” cínico de um tempo também, muitas vezes, cínico: “pode ser violento o espetáculo de amar um cão”.

PERSONAGENS DA FÁBULA

- **A VELHA DIÓGENES**, uma Velha que vive dentro de um carro de entregas. Sua imagem não corresponde à corriqueira figura de uma velha anciã. A Velha Diógenes é uma trabalhadora que, mesmo na velhice, ainda tem de lutar para sobreviver. É irônica, melancólica, sagaz, firme, feroz. Transita por esses estados ao longo do libreto. Sua velhice não é trágica, nem a de quem espera a morte chegar. É uma velhice que apesar da vida precária, ainda deseja.

Nos movimentos onde a Velha está dirigindo há um sentido de pressa, devido o tempo que está sempre prestes a acabar. Mas não há, em momento algum, uma agonia que essa pressa possa sugerir. Nos movimentos onde narra episódios da sua vida há uma espécie de suspensão dessa pressa, onde se matizam outros estados, que se referem ao passado sem nostalgia alguma. Há uma exaustão que ainda é capaz de continuar. Nunca há euforia na Velha. Há ódio, que também é amor.

- **ORFEU**, um cão vindo do Inferno. Um cachorro que canta. Sua imagem transita entre a do cão amigo até a do cão que pode ameaçar a própria figura humana que acompanha, mas não chega a ser um inimigo. É um cachorro feio, grotesco no sentido de maltrapilho, no sentido de um cachorro de rua, mas cuja inteligência pode confundir quem está em diálogo com ele. Há certa elegância na sua feiura. É a personagem mais elegante. É alegre, mas sua alegria é terrível. Sua melancolia difere da Velha, é uma melancolia com um pouco mais de cólera. Nos movimentos finais a presença do cão é soturna, certa, mais direta. O cão, por cantar, está sempre intensamente vivo.

- **LOCUTOR/VOZ VINDA DO RÁDIO DO CARRO**, uma presença altiva, cujo otimismo chega a ser delirante e nauseante. O entusiasmo presente nos seus enunciados contrasta com a presença da Velha e do Cão.

ABERTURA¹

“ERA UMA VEZ MAIS UMA FÁBULA”

VELHA DIÓGENES.

**Era uma vez um Velho, muito Velho
Vivia soturno no fundo de um barril
Dizem que assim começou a fábula
Certo dia, o velho, irritado com a ordem do mundo
Mijou na praça celestial de um mundo decadente
A polícia dos deuses chamou os cães para limpar
Não o chão da praça, mas o velho!
O primeiro cão *deixou seu posto*
O segundo *não tinha rosto*
O terceiro *não latia mais não*
O último era o *velho*
Juntos, decretaram uma greve geral dos cães!**
Dizem que se você dobrar qualquer esquina
será capaz de encontrar o cão sem dono
farejando qualquer podridão certa
com as tempestades que tiram dos fuzis
a bala de todos os cínicos...

Em cena vemos a Velha Diógenes preparar o interior de um carro para dormir. Dentro do carro Orfeu, um cachorro muito feio, um cachorro que a acompanha já dorme profundamente.

MOVIMENTO I

CARRO O, “HOJE É O PRIME DAY! NOVA BOMBA DO MERCADO!”

LOCUTOR, MEGAFONE.

**Hoje é o
“Prime Day!”, todas as lojas do país em queima de estoque!
Se você triplicar a meta...**

ORFEU.

**Difícil não aceitar essa proposta!
É pegar o osso e não largar!**

LOCUTOR (SEM MEGAFONE).

Todos os entregadores do país já estão na rota, só falta você!

1 Os textos em **NEGRITO** se referem aos presentes na grade orquestral. São os que serão cantados/falados. Os textos que aparecem [], sem negrito, são os que podem ser projetados para compreensão da linha narrativa geral. Em itálico, rubricas da cena. Os títulos dos movimentos sugerem o tema/clima da cena para os intérpretes.

Você tem a você própria, Velha!
E, pode, com esforço, completar mais essa!
Vai com o que tem!
ORFEU.
Você tem que conseguir!
LOCUTOR.

Vá até onde conseguir!
A nova entrega é preciosa
É a mais sonhada por todos
ORFEU.
A bomba do mercado!
LOCUTOR.
A bomba do mercado!

MOVIMENTO II

“QUEM SANGRAR MAIS, LEVA A GRANA”

VELHA DIÓGENES.
eu estava no ringue, contrataram a mais nova pra lutar
Contra outro animal
Um cão de briga do Inferno!
De um lado Orfeu, de outro lado a Mulher
[‘QUEM SANGRAR MAIS, LEVA A GRANA’, anunciava o locutor]
Todos duidavam que eu pudesse aguentar firme naquela dança
mas segui tremeluzente
Farejando o passo inimigo
[bati tanto nele que machuquei minha mão
e ele continuava inteiro
se recompondo ostensivamente -]
A cada lance contra o cão eu o via maior
Um monstro impossível de domar
O mais disposto de todos a continuar
era a disputa do que se mantém inteiro por mais tempo
atravessar as horas sem perder nada de si,
isso alegrava a plateia
[empenhada cada vez mais naquele jogo estúpido
‘QUEM SANGRAR MAIS, LEVA A FAMA’, acelerava o locutor
enquanto todos os holofotes marcavam sobre nós
o acúmulo delirante de cada corpo desejando parar]
A última vez que o cão veio pra cima de mim
Era o lance final

eu já estava no chão
Sem guarda alguma
Os apostadores pediram mais um round
“Nós dois vamos morrer debaixo dessa luz terrível”, pensei
Foi quando o cachorro disse
**“os fortes resistem as chamas fortes/
os fracos renascem no fogo-fátuo”**
**E abandonou o posto, correndo pela porta do saguão,
Deixando no ar uma solidão imensa!**

[PODE SER VIOLENTO O ESPETÁCULO DE AMAR UM CÃO]

MOVIMENTO III CARRO I, “CÃO ACELERADO”

ORFEU.

Corre, corre, corre,

Se você for até o fundo do seu sonho eu volto te buscar

VELHA DIÓGENES.

Ouvia tudo a longas distâncias

ORFEU.

Se você for até o fundo do teu sonho eu volto te buscar

**Vou jogar meu brinquedo pra buscar lá longe, lá longe, longe,
longe...**

VELHA DIÓGENES.

O cão começou a me assustar, era o cão meu amigo,

Que me atiçava

MOVIMENTO IV “NÃO HÁ NADA MAIS ENGRAÇADO QUE A INFELICIDADE”

VELHA DIÓGENES.

Eu estava no picadeiro

Balançava, fazia o fogo brotar das mãos

Acrobata, dava piruetas, no céu daquele circo

**Fiquei famosa por engolir facas e nunca mais cuspi-las
(anunciava morto o locutor roto:)**

“eis nossa mais aguda mágica”

Entrava em cena e lá mirava minha grande demolição

O público irradiava num sorriso ardente

A cada lâmina rasgada na garganta
“Não há nada mais engraçado que a infelicidade
Não há nada mais engraçado que a infelicidade”²
Nada... nada!

[era o que se ouvia nos rumores de uma multidão incerta
enquanto o calor daquela lona crescia
prestes a conceber um incêndio
foi tanta a minha fama que um cão de guarda passou a me
acompanhar
por q u a l q u e r lugar que fosse.
Orfeu, era o nome dele,
foram buscar no inferno
diziam que o cão trabalhava bem
sabia assustar, sabia açoitá-lo, chegava sempre no horário
“o cão patrimonial de um abismo sem igual”, vangloriava o chefe,
levando na coleira o cachorro imundo
(Em queda livre um cão é um pássaro
Capaz de assegurar uma cidade inteira),
eu pensava,
talvez o cão merecesse mais, talvez
o cão pudesse ser artista, talvez
pudesse cantar, ser a atração da temporada,
talvez o cão,
talvez,]
Um dia veio para cima de mim um tal de Infortúnio
Bonachão, dentes de prata, boca de sangue,
queria me matar!
O cão foi pra cima dele
Ele foi pra cima do cão
Puxou o canivete
Rasgou os dois olhos do Cão!
Orfeu perdeu seu rosto
Se tornou o animal mais feio de todos
Tão feio que não era mais possível vê-lo
E por não ser visto, nem ele se via
Nem mais se ouvia
SEU DESASSOMBRO FERROZ,

PODE SER VIOLENTO O ESPETÁCULO DE AMAR UM CÃO

MOVIMENTO V
CARRO II, “TROCAR O CANSADO

PELA PRÓPRIA MORTE”³

ORFEU.

Corre, corre, func, func,

Soube de cachorros que trocaram o cansaço pela própria morte. (Func, func).

VELHA DIÓGENES.

Afff... mandou que eu fosse resolver o problema: “Vai, vai lá fora, resolver essa tranqueira”

ORFEU.

Soube de cachorros que trocaram o dono por uma dose de aguardente

VELHA DIÓGENES.

Hmm... E eu respondia ao chamado do cão

Ele lá de dentro

Já quase assumindo o controle

ORFEU.

Soube de um cachorro que trocou a sombra de um Imperador pela luz cortante do Sol

VELHA DIÓGENES.*

Não sai do lugar, não adianta

ORFEU.

Vai! Levanta e empurra! Vamos, é o seu trabalho, só volta aqui se conseguir botar pra rodar de novo

MOVIMENTO VI

“UMA RENÚNCIA SELVAGEM”

VELHA DIÓGENES.

eu estava no palco,

tocava numa banda de soldadas desertadas,

tínhamos fugido de nossas casas

rumando a outra vida

a cantora, certo dia, morreu no meio de um show,

a locutor do recinto exigia que continuássemos a apresentação

chamou da rua um cão maltrapilho

ele tinha voltado do inferno! Hahahahaha! (rir até perder o fôlego)

Ah!

(a cantora tenta cantar, emite algumas vogais em diversas alturas, mas não consegue – não latia mais - entre elas, espaçadamente

3 Nesse movimento, há dois estados na fala da Velha. Ela fala como em terceira pessoa, quase observando a narrativa/o aticar de Orfeu. Apenas na fala final com (*) ela volta a responder ele diretamente.

Lebewohl em referência a sonata Les Adieux de Beethoven).

sua voz despencou num fiasco...
e ele já não latia mais
(a quem serve um cão que não late?)
os espectadores inconformados
expulsaram o cão
que saiu correndo pelo asfalto
deixando tudo para trás
uma mancha de sangue,
um s i l ê n c i o virulento,
uma renúncia selvagem,
PODE SER VIOLENTO O ESPETÁCULO DE AMAR UM CÃO]

MOVIMENTO VII CARRO III, “ENQUANTO O CACHORRO CANTA, ESSA VELHA LATE BEM ALTO”

ORFEU.

**Corre, corre, corre,
Volta aqui, senta do meu lado, senta quieta,
Pssss, isso, dirige, acelera**

VELHA DIÓGENES.⁴

Foi quando comecei a latir muito alto, muito alto, no cinismo
daquele cachorro,
A insistência do cachorro era tanta que aos poucos comecei a
perder a paciência

ORFEU.

**Acelera, agora, corre velha
Corre, corre, nosso tempo está pra acabar,
Bafeja, atíça, apressa,**

ORFEU.

Você vai até o inferno e vou lá te buscar

VELHA DIÓGENES.

Tem uma coisa estranha acontecendo aqui, o carro aqueceu

ORFEU.

**Está quase, aguenta o tranco! Refrigera o carro, o pacote não
pode aquecer**

VELHA DIÓGENES.

4 Aqui, novamente, a voz da Velha aparece como que em terceira pessoa, olhando e narrando a cena, mas apenas nessa fala com *.

**Já parei algumas vezes pra arrumar
ORFEU.
Se vacilar, tá fora!**

MOVIMENTO IX “HÁ ESPERANÇA MAS NÃO PARA NÓS”

VELHA DIÓGENES.
Há muito tempo, durmo nesse carro
Tive um cão, que todos os dias, lambia minhas lágrimas
Trabalhávamos numa estrada longa
Incansáveis, mutilados pelo vento
Invisíveis, batizados pelo tédio
Entregando, em cada deserto, uma compra infeliz
Nosso emprego era CONTINUAR
não há quem chamar
não há voz que retorne
“HÁ ESPERANÇA, MAS NÃO PARA NÓS”
Mas... algo sempre dizia que eu seria aquela
a interromper o tempo acelerado das coisas
Era uma vez uma velha, muito velha...
...Era uma vez um cão!

MOVIMENTO X CARRO IV, “ALGUMA COISA ESTÁ PRESTES A ESTOURAR”

VELHA DIÓGENES.
Talvez o pacote, talvez o pacote vá estourar dentro do carro
RÁDIO DO CARRO.
Sem escuta, Velha...
VELHA DIÓGENES.
Não... é alguma coisa dentro de mim, preciso de ajuda, um
médico, uma ambulância,
Alguma coisa rompeu...
RÁDIO DO CARRO.
Está de brincadeira!
VELHA DIÓGENES.
Alguma coisa estourou, está prestes a...
RÁDIO DO CARRO.
Continua!

[VELHA DIÓGENES.

Está prestes a...]

(Sem que o sinal se perca no meio da estrada, a voz que fala pelo rádio do carro desliga a chamada. Sons de estouro vão crescendo polifonicamente, se misturando à Velha, da qual se escuta um borbulho interno. A princípio, os sons indicam que aquele pacote é que vai estourar, mas logo percebemos que é o coração da Velha que estourou).

[VELHA DIÓGENES.

Meu coração, é o meu coração!

ORFEU.

O coração,
o coração explodiu,
Mas a bomba continua]

MOVIMENTO FINAL “UM TEMPO SEM SONHO”

VELHA DIÓGENES.

**Perdi tantas coisas pelo caminho para chegar até a sombra
que segue comigo**

E dar a ela o nome de Cão!

Derradeira-disforme-desolação

Detestável-diligente-Destruição

Cada época conhece a sua Diógenes

Vivi muitas vidas para chegar até aqui

Vivi muitas vidas para sobreviver à exaustão

ORFEU.

PODE SER VIOLENTO O ESPETÁCULO DE AMAR UM CÃO



A FOME DOS CÃES

ÓPERA DE CÂMARA EM UM ATO
COM LIBRETO DE **CARINA MURIAS**
E MÚSICA DE **WILLIAN LENTZ**

PRÓLOGO

*Uma **MULHER MUITO VELHA** entra. Tem os pés sujos de barro, corpo e cabelos molhados de chuva recente. Palco vazio, um único microfone. Ela com certa dificuldade:*

(sussurrando)

eu... matei... o cão...

(mais alto)

EU... MATEI... O CÃO!

Eu matei para que não me matassem.

(pausa)

Eu matei para que me matassem depois.

(pausa)

Eu carrego seus ossos. Os dele e os dos outros.

Eu matei o cão.

E dancei sobre o túmulo da morte

Dancei com a fome do chão sem terra

Eu planto cães em vasos, enterro seus ossos sementes secas em noite de chuva forte. Despejo seus ossos nos rios. Rios de esgoto também são rios. Também deságuam em não sei onde. Também transbordam a merda toda. Também me levam daqui. Também me lavam.

Eu matei o cão. Matei de raiva, de peste, de cólera, de ira, de febre, de delírio, de fome.

Matei pelo mal da morte. Matei pelo bem. Pra ver o caminho que a morte faz quando chega.

Pra fechar minhas portas do lado de cá.

Eu matei o cão e plantei suas peles em vasos, joguei seus restos nos rios, me desfiz,

ateei fogo, joguei no lixo, piquei em partes. Eu matei o cão e dei seus restos à fome dos cães que não mentem.

Os ossos, carrego comigo. Como amuletos contra o mal do

mundo. Ossos de cães que
se alimentam de ossos. Ossos dos ossos que se alimentam de
cães. E os que vieram
antes, e os anteriores, e os mais antigos.
Eu enterro seus corpos em vasos em noite de chuva forte e os
desenterro em dia de
temporal. Eu recolho a matéria e carrego comigo. Pra me proteger
dos cães: eles fogem do
cheiro de morte. Eu carrego a morte pra que a morte se afaste. Eu
me afasto.
Eu matei o cão e dei seus restos à fome dos cães que não
mentem.
Ossos de cães que se alimentam de ossos. Ossos dos ossos que
se alimentam de cães. E os que vieram antes, e os anteriores, e os
mais antigos.
Eu matei o cão, e seu corpo era tão poderoso que acabou com a
fome do estado, acabou com esse estado de morte-vida-morte.
Vida-morte-vida.
Tudo que nasce pra morrer precisa ser devorado pela terra.

CENA 1

*Calçada. Fachada de um açougue caindo aos pedaços. Acima da porta, o nome do estabelecimento modificado pelo tempo: “**Boucherie Açougue**”, substituído por “**Butchery Açougue**”, substituído por “**Açougue Açougue**”. Nas paredes, placas com preços para carnes de segunda, órgãos de animais. À entrada do estabelecimento, uma faixa de “**Vende-se**”; a própria faixa é velha e esfarrapada.*

*Entra em cena um **CACHORRO** magrelo, ele corre até a porta do açougue, late. Entra um **MENINO**, cerca de 12 anos, tão esfarrapado e encardido quanto o cão. Carrega uma lata de spray de tinta. Faz sinal para que o cão se cale. O menino caminha como quem se esconde. Escreve na parede da fachada:
“**Um cão com dono e esfomeado prediz a ruína do estado**”*

*Enquanto o menino termina a escrita, o cão late novamente. O **AÇOUGUEIRO** vai até a porta para ver o cão. Usa galochas e avental que há muito tempo foram brancos. Tem impresso nas roupas manchas velhas de sangue. Sangue sobre sangue. Em uma mão, um cutelo enferrujado, em outra, um balde de ossos. Quando chega à porta e vê o pixo, o açougueiro, enraivecido, atira um osso contra o menino, mas não o acerta. Cachorro e menino fogem.*

AÇOUGUEIRO

(grita para o menino)

Qualquer dia te ensino como se abate um porco, moleque do cão.

É golpe certo: o animal nem percebe que foi.

Lâmina enterrada no peito, bem perto do coração.

O bicho quase grita, mas vai embora calado.

O sangue verte feito cascata em balde de vinagre pra não coalhar.

É morte azeda mesmo.

Somos carne que come carne, peste!

Moleque do cão... É novo, mas ainda aprende. Ou esse mundo te perde.

(sai)

O açougueiro coloca o balde de ossos na calçada e vai embora, volta por onde veio.

Quando ele sai, o menino e o cão voltam à cena, correm até o osso atirado pelo açougueiro. Os dois pegam o osso, um de cada lado. O menino, constrangido, solta o osso. O cachorro vai embora correndo, osso na boca.

O menino vê, então, o balde de ossos. Percebe que o açougueiro está longe. Se esgueira até o balde, o alcança. Vê os ossos, fica em dúvida. Decide pegar o balde para si.

CENA 2

Compartilham a cena os **DOIS JUÍZES** e a **PROFESSORA**, mas em tempos e situações distintas.

DOIS JUÍZES em suas togas. Se preparam para apresentar o caso ao júri popular, como na abertura de um julgamento - revisam documentos, arquivos cheios de papéis, consultam um grande livro de leis. Falam ao público. Conversam entre si - nem sempre concordam ou discordam ou se preocupam em concordar ou discordar.

A **PROFESSORA** tem consigo materiais que utiliza em suas aulas. Cartazes com explicações, folhetos coloridos, um móbile de planetas, apagadores de giz. Uma grande cesta com maçãs. Usa os materiais no decorrer de suas explicações.

JUÍZES

1 - O menino matou o açougueiro. Fim!

Pois é o que estamos aqui para julgar.

2 - Se um matou ou se o outro foi morto

Ainda não sabemos.

1 - É uma dúvida razoável, tem razão.

2 - Então vamos logo!

1 - Vamos do início!

2 - Então vamos logo!

1 - E vocês, por favor, atenção.

2 - A vida do moleque é depositada em vossas mãos.

1 - Que destino frouxo!

PROFESSORA

Você me diz

"Me ensina a ler e entender os números"

E eu faço mais!

Te ensino história

Porque o presente é sempre cheio de passado

JUÍZES

2 - Da carnificina, os detalhes:

1 - É onde se esconde o cão!

2 - Se preparem pra história que segue: é preciso estômago.

PROFESSORA

(corta as maçãs de forma violenta e as come)

Você pede que eu te ensine sobre a natureza das coisas

E eu faço mais!

Te ensino os números e que as contas não batem

É fácil somar, é fácil contar até cinco

O nada

Isso é difícil de entender

Se eu tiver cinco maçãs e comer todas elas, com quantas eu fico?

"Quem come tantas maçãs?", você me pergunta.

E se eu não tiver nenhuma?, eu pergunto a você

Essa é a questão.

JUÍZES

1 - Era um homem bom o dono do açougue

2 - Pois pensem que graças a seu bom coração,

1 - Ou por dó do menino e seu cão,

2 - Reconhece em si o ímpeto da bondade humana

1 - Então o cachorro corre festivo em sua direção

2 - Livre e patético

1 - E lhe cheira as bolas e o rabo
2 - E lhe urina as botas, lhe encharca os pés
1 - Ou pelo cheiro de carne fresca que há tempos não sentia
2 - "Esses ossos devem matar a fome do pobre animal", "Devem matar, coitado"
1 - Ele ergue os punhos e dá os ossos
2 - Eles agarram a chance e fogem da vista

PROFESSORA

Você pergunta sobre a ciência
Mas eu te digo
É preciso coragem
Pra enxergar do oco
Do universo à boca do estômago, entende?
Há sempre um buraco negro de onde nada se escapa
Gravidade que esmaga, espreme
Como se algo lhe ardesse por dentro
O colapso de mais uma estrela
Abatida como besta em dia de festa
Repare bem nos sintomas físicos, menino
Do cosmos às tripas coladas

JUÍZES

1 - Pois um cão com dono e esfomeado prediz a ruína do estado
1 - Não há limites no mercado dos ossos
2 - Há filas enormes
1 - Oferta e procura
2 - Fome e ganância
1 - Ou fome e fome também
2 - Mas em terra de fome, osso é negócio
1 - E quem não paga, não come
2 - E quem não come, não pensa
1 - E quem não pensa, se estrepa
2 - Que destino frouxo!

CENA 3

Calçada do açougue.

O menino escreve:

"Somos carne que come carne" & "Roer a própria carne e comer os próprios ossos" O cachorro late e o dono do açougue aparece. O açougueiro vai à porta do estabelecimento, um cutelo enferrujado numa das mãos. Observa o pixo do menino. Ele vê o pixo no muro e atira o cutelo contra o menino, mas não o acerta. O

cachorro foge, o menino o encara.

O açougueiro olha pra cima:

Na faixa à entrada do estabelecimento, abaixo de “Vende-se”, está escrito “OSSOS”.

AÇOUGUEIRO

(gritando para o menino)

Eu ainda te mostro o caminho da faca que abre o presunto,
cachorro

pulguento! É linha reta da boca até o cu

Pra barrigada sair inteira

Ainda te conto com quantos cortes se esquarteja um bicho, filho
da miséria! No fim do dia, são corpos sem nomes e porcos sem
caras

Ninguém de quem se sinta falta.

*Açougueiro e menino se encaram. Não dizem nada. O menino vê o
cutelo enferrujado atirado pelo açougueiro. Pega a faca.*

Moleque do cão... É novo, mas ainda ensina. O amanhã nunca
falha. *O açougueiro tenta voltar ao açougue. O menino corre em
direção ao açougueiro. **Blackout.***

CENA 4

Os juízes e a professora. Mesmo contexto que o anterior.

JUÍZES

2 - Um homem morto à soleira da porta,
ao lado do preço dos ossos

1 - “ Vendemos carcaças”

2 - Um corpo estirado

À sua volta, pedaços de carne de segunda

1 - Um corte feito bem no bucho

Um coitado

A arma de trabalho vira arma do crime

2 - Um coitado estripado

1 - Feito porco velho

PROFESSORA

Preste atenção!

Porque a fome é como uma adaga cravada no umbigo

Dor afiada

E a raiva de uma vida que machuca
O corpo que agarra faca por dentro
Se apegar ao corte
Açougueiro que mata açougueiro
É meta morte

CENA 5

Sobreposição:

Em cena, Menino, Cachorro, Juízes e Professora.

Calçada do açougue.

A placa de “Vende-se” foi retirada.

À porta do açougue, o menino veste as galochas e aventais sujos de sangue fresco. Ele é o novo açougueiro. Tem uma faca nova em uma das mãos e um osso de bicho grande em outra.

Na parede da fachada a frase:

“Quem vai matar o dono do matadouro?”

O cachorro está deitado à frente da parede com o pingo. O açougueiro lê o escrito, olha para o cachorro.

O açougueiro joga o osso para o cachorro.

JUÍZES

2 - O assassino foi visto

Matou o bondoso e roubou-lhe o posto

1 - Diz querer seguir com o trabalho

Já é bom com os cortes

Com as facas

Os músculos e as carcaças

2 - Morto de fome que mata o outro

PROFESSORA

Um morto de fome que mata o outro

E a principal questão

- Quem vai matar o dono do matadouro?

Você me pergunta sobre a fome do mundo

E eu digo mais

Escute a barriga cantando,

Perceba a cabeça pesando

Não é sono, é fome

Não é medo, é morte

Um morto de fome que mata outro

- Quem vai matar o dono do matadouro?

Quando os ossos tremerem e as pernas bambearem

Quando perder os sentidos e estiver em delírio

Fique esperto e aprenda
A identificar se o oco da barriga é de revolta ou de fome
Disfarça a morte como sempre disfarça a fome
Então mata o dono da fome
Mata o dono da morte
- E o cão?

JUÍZES

Pois de nenhum sentiram falta
E por não terem os dois nome ou identificação
Ou porque a fila para os ossos segue em crescente manada
Não sabemos se o coitado é inocente ou culpado
Não sabemos se o moleque que é o bondoso ou o cão
Tradição você diz
2 - Que destino frouxo.
1 - E ladrão que rouba ladrão?
2 - E matador que mata matador?
1 - Trabalho passado de geração em geração
2 - Pois me digam, então, se o trabalho não dignifica o homem?
Sejam justos
A miséria não fortifica a alma?
1 - E o cão?



**ASSISTA A
ÓPERAS COMPLETAS
E MUITO MAIS.
ACESSE O NOSSO
CANAL EM:**



YouTube

/TheatroSãoPedroTSP

**VISITE TAMBÉM O NOSSO SITE
E SIGA O THEATRO SÃO PEDRO
NAS REDES SOCIAIS**

www.theatrosaopedro.org.br



@theatrosaopedro



/theatrosaopedro



/saopedrotheatro

EQUIPE

ORQUESTRA DO THEATRO SÃO PEDRO

FICHA TÉCNICA

Renan Gonçalves, **violino I (spalla)**
Anderson Santoro, **violino I**
Paulo Lucas, **violino I**
Maria Emília Parede, **violino I**
Jair Guarnieri, **violino I**

Hugo Leonardo, **violino II**
Mariela Micheletti, **violino II**
Jonathan Cardoso, **violino II**
Indira Morales, **violino II**

Fabio Schio, **viola**
Diogo Guimarães, **viola**
Edmur Mello, **viola**

Fabrizio Rodrigues, **violoncelo**
Camila Hessel, **violoncelo**

Fernando de Freitas, **contrabaixo**

Marco André dos Santos, **flauta**
Filipe de Castro, **flauta**

Alexandre Boccalari, **oboé**
Renato Mendes Sales, **oboé**

Daniel Oliveira, **clarinete**
Rafael Schmidt, **clarinete**

Sandra Ribeiro, **fagote**
Clarissa Oropallo, **fagote**

Isaque Elias Lopes, **trompa**
Moisés Henrique Alves, **trompa**

Fabio Simão, **trompete**
Danilo Oya, **trompete**

Aginaldo Gonçalves, **trombone**
Luana Maele, **trombone baixo**
Marcos Alex, **trombone**

Rafaela Lopes, **harpa**

Rubens de Oliveira, **percussão**

N: Chefe de Naípe

A Orquestra do Theatro São Pedro foi criada em 2010, por iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa, e mesmo com pouco tempo de atuação já é reconhecida como uma das principais orquestras de ópera do país. Nesses mais de dez anos, o grupo já interpretou importantes títulos do repertório, como As Bodas de Fígaro, de Mozart, e Falstaff, de Giuseppe Verdi, e tem se destacado especialmente ao explorar os novos caminhos da ópera.

A Orquestra do Theatro São Pedro foi responsável pela estreia nacional de obras como Alcina, de Georg Friedrich Handel, Kátia Kabanová, de Leoš Janáček, A Volta do Parafuso, de Benjamin Britten, O Barbeiro de Sevilha, de Paisello e Arlecchino, de Busoni, além da estreia mundial de Ritos de Perpassagem, do compositor brasileiro Flo Menezes.

Entre outros títulos pouco executados que foram revisitados pelo grupo estão Adriana Lecouvreur, de Cilea, Dom Quixote, de Massenet, Édipo Rei, de Stravinsky, As Bodas no Monastério, de Prokofiev, Iphigénie em Tauride, de Gluck, Ártemis, de Alberto Nepomuceno, e Os Sete Pecados Capitais, de Kurt Weill.

Entre os artistas que já dividiram o palco com a Orquestra estão maestros de renome como Ligia Amadio, Ira Levin, Valentina Peleggi, Cláudio Cruz, Luis Otavio Santos, Luiz Fernando Malheiro e Silvio Viegas; instrumentistas do naipe de Antonio Meneses, Gilberto Tinetti, Nicolau de Figueiredo, Pacho Flores; e cantores de destaque como Denise de Freitas, Paulo Szot, Rosana Lamosa, Savio Sperandio, Gabriella Pace, Gregory Reinhart, Luisa Francesconi, Luciana Bueno, Marília Vargas, Giovanni Tristacci, entre outros.

Na temporada de 2022 a Orquestra já tocou em títulos como Livietta e Tracollo & La Serva Padrona, de Giovanni Battista Pergolesi, Os Capuletos e Os Montéquios, de Vincenzo Bellini, Viva La Mamma, de Gaetano Donizetti e West Side Story, de Leonard Bernstein.

A partir da gestão da Santa Marcelina Cultura, a Orquestra do Theatro São Pedro segue um novo modelo de trabalho, com regentes convidados e maior variação de repertório, abordando tanto a ópera quanto a música sinfônica e de câmara, numa rotina que visa aprofundar a investigação de diferentes formas do fazer musical, elevando ainda mais a excelência de suas apresentações.



Dramaturga, atriz, professora e produtora cultural. Bacharela em Artes Cênicas pela ESCH, Pós-Graduada em Roteiro para Audiovisual pela FAAP e formada em Dramaturgia pela SP Escola de Teatro. Integrou o Núcleo de Dramaturgia do Sesi e o Núcleo de Dramaturgia da Escola Livre de Teatro. Desde 2016 integra o NED - Núcleo de Experimentos em Dramaturgia, coletivo que alia estudos em feminismos à pesquisa de dramaturgia contemporânea.

Desde 2018 integra o Coletivo Caracóis, onde integra os processos colaborativos como dramaturga-criadora. Participou do Ateliê de Criação Lírica do Theatro São Pedro, com escrita do libreto "A Fome dos Cães"; desenvolve os projetos de escrita e publicação das dramaturgias "A Primavera está chegando" e "a Quelônia", a partir de edital do ProAC. Como dramaturga assina os trabalhos: "ELAS" e "ELAS à Deriva", realizados pelo Coletivo Caracóis entre 2020 e 2021 em formato online; "O Despertar dos Caracóis Logo Após as Tempestades Artificiais" (2018/2019) em co-autoria com Antonio Salviano, junto ao Coletivo Caracóis; "Arraianos", com leitura encenada no Sesi Av. Paulista em Novembro/2019; "Epidemia", junto à Rubra Cia. de Teatro, da qual foi também atriz-criadora.

ISABELA ROSSI

LIBRETISTA



Isabela Rossi (1993), formada atriz na Escola de Arte Dramática da USP e em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas, é atriz, dramaturga e montadora na Companhia Balé de Pancadaria. Transita pela literatura, teatro, cinema e rádio.

LARA DUARTE

LIBRETISTA



Lara Duarte é mestranda em Artes da Cena pela UNICAMP com a pesquisa “Por uma dramaturgia monstra!”. Bacharela em artes cênicas pela UFBA onde foi bolsista PIBIC com a pesquisa “A escrita falada: dramaturgia da contação de história”. Formada em dramaturgia pela SP Escola de Teatro. Integrou o Teatro Base. Performer, dramaturga e diretora de Pânico Vaginal que foi premiado na semana paulistana do curtametragem.

Organizadora e curadora do festival de dramaturgia “Jornadas Heroicas Possíveis”. Dramaturgista e assistente de direção das peças “Stabat Mater”, “História do Olho” e “Camming – 101 noites”, ambas com direção de Janaína Leite. Atuou como atriz e assistente de dramaturgia na peça “Acúmulos”, com direção de Kênia dias, dramaturgia de Márcio Abreu. Dramaturgista da peça Capô com direção de Georgette Fadel. Libretista no atelier lírico do Theatro São Pedro.

GABRIEL XAVIER

COMPOSITOR



Gabriel Xavier graduou-se em composição na universidade Santa Marcelina (2014) e obteve seu título de mestre na UNESP (2019), sob orientação do compositor Flo Menezes. Iniciou em 2020 sua pesquisa de doutorado na investigação da inter/trans-textualidade musical em conexão com a criação musical. Por meio da paródia e da citação, Xavier busca (re)compor perspectivas poéticas a partir do tecido sócio-histórico-político da música atual.

De sua produção, destacam-se as obras Golpe Surdo (2016) para quinteto de percussão, encomenda do Theatro Municipal de São Paulo; Percurso Trianon-Sumaré (2016) para orquestra sinfônica, finalista do concurso Tinta Fresca da orquestra filarmônica de Minas Gerais; Morfemas (2018) para orquestra sinfônica, encomenda da Orquestra Moderna; JUKEBOX paródia tour (2021) para saxofone tenor, piano e eletrônica, premiada na XXIV Bienal de Música Contemporânea no Rio de Janeiro.

O sexteto Será Canto à Fantasia? (2022), estreado pelo Percorso Ensemble no 1º Festival de Verão de Campos do Jordão; a obra Plastic Eardrums (2022) para violoncelo e eletrônica, estreada no Gaudeamus Festival (Países Baixos). Desde 2013, colabora nos coletivos Camerata Profana, Capim Novo e Ato em Camerata – todos voltados à promoção da música contemporânea brasileira –, com os quais realizou concertos no Sesc Vila Mariana, Sesc Paulista, Itaú Cultural, Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Mário de Andrade, entre outros espaços artísticos do estado de São Paulo.

MARINA FIGUEIRA

COMPOSITORA



Marina Figueira é mestra em música pelo Instituto de Artes da UNESP (2022), bolsista CAPES, com a pesquisa 'Sonata n.1 de Dinorá de Carvalho: aplicação de ferramentas analíticas como processo de planejamento da performance', orientada pelo Prof. Dr. Arthur Rinaldi.

Graduou-se em piano pela mesma universidade (2017), orientada pelos pianistas Prof. Dr. Nahim Marun e pela Prof^a. Dr^a. Danieli Longo Benedetti. Coursou dois anos na Faculdade Santa Marcelina (2009-2010), onde estudou composição com Prof. Dr. Leonardo Martinelli. Formou-se no curso técnico de piano, como bolsista, na Fundação das Artes de São Caetano do Sul (2013), sob orientação do Prof. Ulisses de Castro, onde trabalhou como pianista correpetidora e monitora nas aulas teóricas. Atua como professora, pesquisadora, compositora e pianista.



Willian Lentz (1986), de Curitiba-PR, atua como compositor, maestro, violonista e educador musical. Doutorando em Composição (UNESP), Mestre em Música (UFPR) e Bacharel em Composição e Regência (UNESPAR). Suas obras têm sido realizadas em diversos estados do Brasil, dentre eles Paraná, Bahia, São Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas e Minas Gerais, como também no exterior - EUA, Espanha, Ucrânia e Itália.

Em 2020, foi premiado pelo KLK New Music MUSICA PER ARCHI Composers' Competition, em Lviv, na Ucrânia, com a obra Ar Diamantinado, para orquestra de cordas. Recebeu a encomenda de A Máquina Entreaberta para o 23º Festival Amazonas de Ópera. Frequentou o Valencia International Performance Academy & Festival-2019, na Espanha. Foi selecionado para o Jack Studio, programa fomentado pelo Jack Quartet (EUA). Finalista na 11ª edição do Festival Tinta Fresca, realizado pela Filarmônica de Minas Gerais, com a obra Cores Dissolutas.

Na área de regência, frequentou as masterclasses de Regência Orquestral sob a orientação do maestro Cláudio Cruz, na EMESP, tendo atuado à frente da Orquestra Jovem do Estado de São Paulo em concerto didático na Sala São Paulo. Tem atuado como maestro convidado na Orquestra Filarmônica da UFPR, em grupos artísticos desta instituição e da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Atualmente, trabalha como regente, diretor musical e coordenador da Orquestra de Cordas da Fundação Solidariedade.

ALEXANDRE DAL FARRA

DIREÇÃO CÊNICA



Doutor em teatro pelo PPGAC da ECA/USP, Alexandre é dramaturgo, roteirista, diretor e escritor. Com mais de 25 textos escritos para a cena, foi vencedor e indicado diversas vezes aos principais prêmios brasileiros de teatro, tais quais, prêmio Shell, APCA, Prêmio Governador do Estado de São Paulo, Prêmio Questão de Crítica, Aplauso Brasil. Dirigiu, no teatro São Pedro, em 2021, a ópera Sete Pecados Capitais, direção musical de Ira Levin.

Alguns de seus mais importantes textos são Tragédia e Perspectiva (2022), apresentado no âmbito da Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp), Abnegação III – Restos (Aplauso Brasil, encenada em Buenos Aires, onde ficou mais de dois anos em cartaz, com direção de Lisandro Rodrigues). Entre outros.

Teve textos publicados, traduzidos e montados no exterior, como na Argentina, Portugal, Alemanha e França, e suas peças participaram de todos os importantes festivais do Brasil, assim como de alguns no exterior, tais quais o FIBA, FITEI, FIT, FILO, MITsp, TREMA Festival, Festival MIRADA, dentre muitos outros.

Trabalhou com diversos dos mais importantes grupos e diretores teatrais brasileiros e estrangeiros, tais quais, Teatro da Vertigem, entre outros. Foi curador do FIT Rio Preto 2019, edição de 50 anos do festival.

Atualmente, Alexandre finaliza a escrita do seu segundo romance, DESERÇÃO, e recentemente estreou a encenação da Ópera dos Três Vinténs, no Theatro São Pedro.

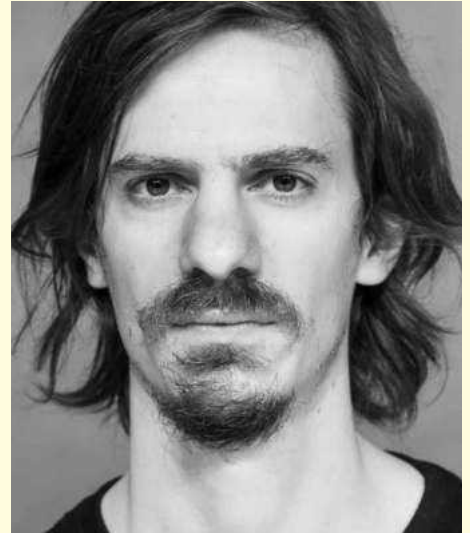


Professor e Maestro do Instituto Federal de Goiás (Campus Goiânia), foi o primeiro Mestre em percussão da Unesp, se graduou em percussão na Unesp com bolsa da FAPESP na área de Análise Musical com orientação de Flô Menezes, tendo recebido o Prêmio de Excelência em Pesquisa pelo seu TCC. Teve aulas com Eduardo Giancesella, Carlos Stasi e John Boudler. Foi Co-diretor do Grupo de Percussão do Instituto de Artes da Unesp, o Grupo Piap, de 2012 a 2014, realizando estreias nacionais e mundiais.

Foi aluno da Escola Municipal de Iniciação Artística (EMIA), Escola Municipal de Música (EMMSP) onde teve aulas com Joaquim Abreu e Aída Machado. É integrante do duo de percussão Mesa pra Dois e do Sexteto de Percussão Grupo Impact(o). Participou de diversos festivais em Ourinhos, Tatuí, Santa Catarina, Poços de Caldas e Uberlândia, tendo atuado como solista, em música de câmara, orquestra sinfônica, banda sinfônica e grupo de percussão. Tem atuado como músico convidado da Orquestra Sinfônica Municipal de Santos e Orquestra Filarmônica Bachiana Sesi-SP, bem como de grupos de câmara.

FERNANDO PASSETTI

CENOGRAFIA



É arquiteto de formação e possui trabalhos em teatro, ópera, dança, musical, direção de arte, expografia e ambientações. Já trabalhou em montagens nos principais palcos e temporadas líricas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belém do Pará.

Exerce trabalhos em cenografia de palco e cinema desde a faculdade e pesquisa como se dão os processos de criação de cenografia em parceria com as outras equipes criativas de um espetáculo, como a direção, o figurino, a direção de arte e a iluminação. Colabora com o teatro de maneira independente como cenógrafo para coletivos teatrais como o 42 Coletivo Teatral e Teatro do Perverto.

NICOLAS CARATORI

ILUMINAÇÃO



Iluminador, iniciou sua trajetória nas mesas de programação e como iluminador assistente. A experiência técnica e criativa fundamentou o desenvolvimento de uma linguagem dinâmica e versátil como iluminador, acompanhando o alinhamento de iluminação, tecnologia e linguagem. Como Iluminador teve parcerias recentes com importantes diretores como Ulysses Cruz no monólogo de Cássia Kis *O Meu Quintal é Maior do que o Mundo*, Gerald Thomas na peça *G.A.L.A.* e Eduardo Tolentino em *Um Picasso*.



Awa Guimarães nasceu em Anápolis (GO), começou a trabalhar no universo da moda como assistente de stylist em 2012. Iniciou os estudos em moda na Universidade Federal de Goiás (UFG) concluindo na Faculdade Armando Alvares Penteado (FAAP) em 2022.

Já realizou eventos como o Baile da Vogue, amfAR Gala e SPFW ao lado de Beto Pacheco, participou em talks ao lado Eleonora Hsiung, Juliana Jabour e Walerio Araújo. Começou recentemente a atuar com espetáculos operísticos, tendo iniciado como assistente de figurino da ópera Os Capuletos e os Montéquios , da cia Teatro da Vertigem, com direção de Antônio Araújo e direção musical do Maestro Sangiorgi, em abril de 2022.

Logo depois assinou a produção Ópera dos Três Vinténs no mesmo Theatro São Pedro, com direção de Alexandre dal Farra, direção musical de Ira Levin.

Produz agora o Atelier de Composição Lírica, com direção cênica de Alexandre Dal farra, direção musical de Leonardo Labrada. As três óperas brasileiras e contemporâneas apresentadas, apesar de contarem diferentes histórias, evidenciam pensamentos críticos que expõem dilemas enfrentados pela coletividade atual. O figurino busca trazer a público às múltiplas vivências criadas por cada libretista, compositor e direção, transitando entre realidade e ficção.



Visagista e caracterizadora atuante há onze anos no mercado artístico (teatros, TV e cinema), especializada na produção de óperas, balés e grandes espetáculos.

Em 2011 iniciou nas Óperas com O menino e os sortilégios com direção da Livia Sabag no Theatro Municipal de São Paulo, no ano seguinte também com a Livia O Rouxinol e The Turn of the Screw. De 2013 a 2015 assumiu as temporadas líricas do Theatro Municipal de São Paulo – onde a partir de 2016 passou a ser visagista residente. Em 2017 realizou intercâmbio para o Teatro Colón, Buenos Aires (Argentina).

Atua com treinamento e preparo de jovens da periferia, encaminhados por ONGs e por indicação entre eles, para inseri-los no departamento de visagismo e caracterização.

Desde 2019 realiza um projeto de workshop de visagismo, em parceria com a EMESP, para os alunos da Academia de Ópera do Theatro São Pedro para óperas como A Estrela, de Emmanuel Chabrier, com direção cênica de Walter Neiva. Ministrou o curso Maquiagem Artística para a Ópera (2020), realizado no XIX Festival de Ópera do Theatro da Paz.

No universo da dança realizou diversos títulos com o Balé da Cidade de São Paulo, sendo o espetáculo Transe, de Clébio Oliveira, o mais recente estreado. Atua também na criação, produção e fabricação de adereços, perucas e postigos. Em paralelo, desenvolve o projeto: “Naturalização da Beleza”, há 6 anos em atividade, que atua como um tratamento terapêutico de beleza.

ELENCO

LAIANA OLIVEIRA

SOPRANO



Cantora lírica e artista vocal, dedica-se à música de concerto tradicional e contemporânea/experimental. No Theatro Municipal de São Paulo foi solista em A Flauta Mágica (2017), Mass (2018), Der Rosenkavalier (2018 e 2021), e participou do Coral Paulistano Mário de Andrade. Foi uma das premiadas no XV Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas (2017), e recebeu menção honrosa no Concurso Internacional de Canto Linus Lerner (2021).

Participou como cantora e compositora convidada do 23o Festival Amazonas de Ópera, como solista no concerto em comemoração aos 60 anos da FAPESP na Sala São Paulo, e realizou concertos de música vocal não acompanhada no Festival Internacional de Música de Campina Grande - FIMUS, e Atemporanea Festival em Buenos Aires.

Atualmente integra Ato em Camerata, Cerrado Ensemble, Ensemble Jocy de Oliveira, UTÚPE, além de grupos de pesquisa sobre a voz experimental.

É Bacharel em composição musical pela UFG, mestra e doutora em composição musical pela Unicamp. Desenvolve pesquisa de pós-doutorado sobre performance de música vocal não acompanhada brasileira na UNESP, e criou o método Solfejo sem Medo de leitura musical para cantores.

MANUELA FREUA

SOPRANO



Especialista em música de câmara e em música dos séculos XX e XXI, e com livre trânsito na música popular, a cantora paulistana em seu curriculum execuções das obras Quarteto no. 2, opus 10, Pierrot Lunaire, opus 21, (Schoenberg - OSESP), Le Marteau sans Maître (Boulez - OSESP), Folk Songs (Berio - Theatro São Pedro) e Kafka-Fragmente (Kurtág - Sala do Conservatório, Theatro Municipal de São Paulo). Foi Helena em A Midsummer Night's Dream (Britten - Theatro São Pedro).

Estreou na ópera Dido and Aeneas (Purcell), e, desde então, cantou em produções de óperas em palcos como o Theatro Municipal de São Paulo, o Theatro São Pedro e o Teatro Amazonas. Realizou, em 2008, turnê pelo Japão, ao lado da pianista Tomoko Nakayama. Foi solista da 9a Sinfonia (Beethoven - OSPA), da 8a Sinfonia (Mahler - OSESP), da 4a Sinfonia (Mahler - Percorso Ensemble), da Paixão Segundo São João (Bach, OSM/Theatro Municipal de São Paulo, entre outras obras.

Gravou, ao lado do violinista Emmanuele Baldini, o CD A Canção e o Violino. É Bacharel em Música pela UNESP, Especialista em Canção Popular pela FASM e foi aluna de Isabel Maresca. Aperfeiçoou-se, como bolsista Vitae, na Academia Ferenc Liszt de Budapeste.

MARCELO FERREIRA

BARÍTONO



O barítono Marcelo Ferreira nasceu no Recife e começou seus estudos musicais aos sete anos, no Conservatório Pernambucano de Música, estudando piano e violão clássico. Formou-se pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), recebendo a Láurea Acadêmica. Em seguida, completou mestrado em música na Universidade de Campbellsville (EUA), quando foi convidado a integrar a sociedade de honra acadêmica musical Pi Kappa Lambda.

É doutor em canto e ópera pela Indiana University (EUA), o maior programa acadêmico de ópera do mundo, onde estudou com o renomado barítono Andreas Poulimenos. Foi também integrante do Graduate Opera Workshop, estudando interpretação dramática por dois anos com a internacionalmente aclamada soprano Carol Vaness.

Em sua carreira, Marcelo Ferreira acumula diversos prêmios e atuou como solista com várias orquestras, cantando repertório sacro, de câmara e sinfônico.

Em julho de 2015, apresentou o papel de Don Giovanni, sob a direção de Sherill Milnes, no histórico Stavovské Divadlo, em Praga (República Checa), onde esta ópera teve sua estréia. A temporada de 2019, pela qual recebeu prêmio da crítica, incluiu a premiada estreia brasileira de Vanessa de Samuel Barber, e a estreia mundial da ópera Ritos de Perspassagem, do compositor brasileiro Flo Menezes.

Em 2021, cantou mais uma estreia nacional, desta vez da ópera Rusalka de Dvořák. Marcelo Ferreira é um dos mais concorridos professores de canto do Brasil. Foi criador e diretor acadêmico por quase uma década do Opera Studio do Recife e da Oficina de Canto do Recife.

Integra o corpo docente dos programas de pós-graduação da Facec/Instituto Alpha como professor das disciplinas de Introdução à Ciência Vocal e História da Pedagogia Vocal. Mais recentemente, assumiu a direção do Ópera Studio da Escola Municipal de Música de São Paulo.

FLOW KOUNTOURIOTIS

ATOR



Flow kountouriotis é artista natural de são paulo, brasil, transmasculino. Atua nas artes flutuando entre o teatro, o audiovisual, a performance e a escrita. No audiovisual atuou em 2019 na série Todxs Nós direção de Vera Egito e DanielRibeiro para HBO; e também na primeira temporada de Os Ausentes, série paraHBO Max.

Em 2022 esteve na segunda temporada de AsFive, dirigida porDarinara Toffoli para Globoplay e na primeira temporada de Notícias Populares, série de Marcelo Caetano para o Canal Brasil ainda em processo de gravação.

Entre criações e parcerias com outros artistas no teatro, atuou em Tragédia e Perspectiva I - o prazer de não estar de acordo direção de Lisandro Rodriguez e dramaturgia de Alexandre Dal Farra para MIT 2022 (Mostra Internacional de Teatro); Histórias Mínimas SP espetáculo de improviso com a Cia do Quintal(2021); Tragédia: uma Tragédia, dirigido por Carolina Mendonça, completando o circuito SESI interior;

Em 2018 foi artista residente no FAR Festival- Nyon,Suíça mediado pela artista MirtoKatski (GR); com Isabel Lewis (EUA) performou em ARTBASEL, também Suíça,2018. Ainda neste ano, junto do grupo Macaquinhos performou em ZOO estreada no Künstlerhaus Mousonturm, Frankfurt, Alemanha.

Em 2020 durante o confinamento da pandemia compôs o elenco de HumanAnimals de Stef Smithdirigido por Michele Ferreira, com Noemi Marinho, Luis Mármora, entre outros.

**EDLENE
SOUSA**

ATRIZ



Do tamanho do sol eu sou, Edlene captura momentos e transforma em memórias fixas, retrato fragmentos de um tempo que passou e flores que o vento soprou, através de pinturas/ilustrações e corpo. Criando possibilidades de se manter viva, se expandiu pra outras telas.

EQUIPE TÉCNICA

FELIPE VENÂNCIO, direção de palco

INES BUSHATSKY, assistente de direção cênica

ANA GUARIGLIA, pianista correpetidor

EDUARDO MANSU, equipe de maquiagem

GUILHERME FRANÇOSO SANTOS, assistente de cenografia

FERNANDO SANTANA, montagem cenografia

JOSÉ DAHORA, montagem cenografia

MARCIO RENATO, montagem cenografia

MARCEL RODRIGUES, assistente de iluminação

PIERO SCHLOCHAUER, legenda

RONALDO PATRÍCIO, contrarregra

HUGO PENAFORTE, contrarregra

MARINEIDE CORREIA, camareira

EXPEDIENTE

SANTA MARCELINA CULTURA

**Presidente do conselho
de administração**

Irmã Edimar Zanqueta

Diretora-presidente

Irmã Rosane Ghedin

Administração geral

Odair Toniato Fiuza

Direção artístico-pedagógica

Paulo Zuben

ARTÍSTICO

Gestão Artística
Ricardo Appezzato

Coordenação de Produção Artística
Anna Patrícia Lopes Araújo

Supervisão Artística
Gilberto Marcelino Ferreira

Supervisão de Produção
Viviane Martins Bressan

Produtora
Joana Rosa

Analista Administrativo
Ana Paula Bressani Donaire
Tatiane Oliveira Pessoa De Seabra

Arquivo Musical
Ana Claudia de Almeida Oliveira
Liliane Dias
Ruthe Zoboli Pocebon

Encarregado Central de Montagem
Ednilson de Campos Pinto

Montagem
Douglas Mikael Santos

DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Gestão de Desenvolvimento Institucional
Monica Toyota

Relacionamento Institucional
Coordenador (a) de Relacionamento
Agnes Maria Ortolan de Munno

Supervisor (a) de Relacionamento
Luciana Toni Raele

Analista de Captação de Recursos
Rosaly Kazumi Nakamura

COMUNICAÇÃO

Coordenador (a) de Comunicação
Renata Franco Perpetuo

Supervisor (a) de Comunicação Digital
Marina Panham

Analista de Comunicação
Isabella de Andrade

Analista de Comunicação Visual
Juliana Matheus Azevedo

AUDIOVISUAL

Supervisor de Audiovisual
John Colin Santana Evans

ÁREAS ADMINISTRATIVAS

FINANCEIRO

Supervisora Financeiro
Maria das Dores Barrozo de Oliveira

Assistente Administrativo II
Beatriz Furtunato Campos

Auxiliar Administrativo
Karina Alves Pascuzze

Auxiliar Financeiro
Yasmim Souza da Silva

Aprendiz Administrativo
Orçamento e Custos
Renan Delilo

Supervisor de Orçamentos e Custos Agrizio
Andre Gomes

COMPRAS

Compradora
Sueli Mitie Munoz Palma

Auxiliar de Compras
Janaina Ribeiro de Andrade

CONTRATOS / CONTABILIDADE

Contador Prestação de Contas Rogério
Batista Machado

Analista de Prestação de Contas Pleno
Luis Felipe de Almeida e Silva

Analista de Prestação de Contas Pleno
Mike Amorim Alberti

GESTÃO DE PESSOAS

Coordenadora de Processos
da Gestão de Pessoas
Aline Giorgini Pereira Lima

Supervisor (a) De Processos
De Valorização De Pessoas
Neli Prates de Miranda

Analista De Processos
De Valorização De Pessoas PI
Daniel Oliveira Melo

Analista De Movimentação
De Pessoas
Mariana Alves Rodrigues

Assistente De Processos
De Valorização De Pessoas III
Taluama Gaia

Assistente De Processos
De Valorização De Pessoas III
Tatiane Lopes de Menezes

Assistente De Processos
De Valorização De Pessoas I
Rogerio Barbosa Da Silva

Aprendiz Administrativo
Gleici De Sousa Machado
Adriane Nascimento Pinheiro

SEGURANÇA DO TRABALHO

Técnico em Segurança do Trabalho
Edson Alexandre Moreira

ARQUIVO ADMINISTRATIVO

Arquivista Administrativo
Carla Yoshimi Nagahama

Auxiliar de Arquivo
Jacqueline Maria De Lima Santos

Auxiliar de Arquivo
Magnólia Mota Moraes

CENTRAL DE **EQUIPAMENTOS E** **SUPRIMENTOS**

Encarregada Central de
Inst. Equip. e Suprimentos
Juliana Santos Araújo

Assistente Almoxarifado II
Gabriela Daniel do Rosário
Jailson da Silva
Pedro Jacob de Britto

Assistente Almoxarifado I
Arlson Miranda dos Santos
Clayton da Silva Santos
Julliana de Sousa Cândido

Assistente de Patrimônio
Lindolfo Alan Porto

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Supervisor de TI
Murilo Mendes da Silva

Analista de Sistema de Informação
Carlos Eduardo da Cunha

Assistente de TI I
José Felipe dos Santos Silva

Auxiliar de Suporte de TI
Bianca Searles Pereira Rocha

Aprendiz Informática
Larissa Dos Santos Nascimento Nolasco

LOGÍSTICA

Encarregada de Serviços de Transporte
Roseane Soares dos Santos

Motorista Diretoria
Sidinei Fantin
Sidnei Donizete dos Santos

SERVIÇO DE APOIO

Supervisor de Infraestrutura e Patrimônio
Gilmar Santos da Silva

Encarregado de Serviços de Apoio
Gabriel de Paula

RECEPÇÃO

Recepcionista
Davi Vital Carvalho de Almeida
Kathia Dayse Marques Cabral Milhomens

COPA

Copeira
Solange Maria Barbosa de Sousa

COPIADORA

Operadora de Copiadora
Audirene Maria Rafael Silva

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO USUÁRIO

Ouvidora
Patricia Munaretto Chagas Duarte

THEATRO SÃO PEDRO

Gestor de Operações
Marcelo Silva

Supervisora de Operações
Renata Vieira Borges

Analista de Operações
Gustavo Augusto Soares Monteiro

Analista de Acervo e Operações
Luciana Conte Hadlich Santos

Analista Administrativo
Maria de Fatima Oliveira

Chefe de Palco
Marcello Pereira Anjinho

Maquinista
Adriano Gabriel Martins
Márcio Cavalcante Bessa

Iluminação
Carlos Eduardo Soares da Silva
Leandra Aparecida Demarchi

Operador de Som
Almir Rogério Agustinelli

Técnico de Audiovisual
Thiago Rocha Horta

Assistente De Palco
Ulisses Macedo Dos Santos
Wellington Nunes Pinheiro

Copeira
Silvia Aparecida Pereira Nascimento



Realização



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa